

MIGRAÇÃO FEMININA IRLANDESA E CONVENÇÕES DE GÊNERO EM *BROOKLYN*, DE COLM TÓIBÍN

Dra. MARTHA JULIA MARTINS
Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista, Roraima, Brasil
(marthajumartins@gmail.com)

RESUMO: *Brooklyn*, obra do autor contemporâneo irlandês Colm Tóibín, ambientada nos anos 1950, narra a vida de Eilis Lacey, jovem da classe trabalhadora do interior da Irlanda, dos anos 1950, que tem sua vida transformada ao migrar para os Estados Unidos da América. Presa aos costumes e obrigações impostas a uma jovem moça, Eilis logo percebe-se dividida entre os dois mundos e o que cada um deles representa para ela. Entre a Irlanda rural e ultrapassada e a América moderna e cheia de possibilidades, Eilis descobre o amor, o desejo e as convenções sociais, que aprisionam mulheres. Dessa forma, Tóibín constrói não apenas um retrato fiel de um determinado momento histórico, mas também chama a atenção para o papel social a que muitas mulheres precisavam sujeitar-se. O presente artigo, com base nos Estudos de Gênero, objetiva demonstrar como convenções de gênero influenciaram a vida e as escolhas da personagem principal.

Palavras-chave: Migração. Irlanda. *Brooklyn*. Colm Tóibín. Identidade cultural. Estudos de Gênero.

Artigo recebido em: 27 jul. 2020.
Aceito em: 13 ago. 2020.

MARTINS, Martha Julia. Migração feminina irlandesa e convenções de gênero em *Brooklyn*, de Colm Tóibín. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 67-83.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 09 set. 2020.

IRISH FEMALE MIGRATION AND GENDER CONVENTIONS IN *BROOKLYN* BY COLM TÓIBÍN

ABSTRACT: *Brooklyn*, a work by the contemporary Irish author Colm Tóibín, set in the 1950s, portrays the life of Eilis Lacey, a working-class young woman from the countryside of Ireland, whose life was transformed by migrating to the United States of America. Trapped in the customs and obligations imposed on a young girl, Eilis soon finds herself divided between the two worlds and what each of them represents to her. Between rural and outdated Ireland and modern America full of possibilities, Eilis discovers love, desire and social conventions that imprison women. In this sense, Tóibín constructs not only a faithful portrait of a certain historical moment, but also calls attention to the social role that many women were subjected to. The present article based on Gender Studies aims at demonstrating how gender conventions influenced the life and the choices of the main character.

Keywords: Migration. Ireland. *Brooklyn*. Colm Tóibín. Cultural Identity. Feminist Studies.

INTRODUÇÃO

Na obra *Brooklyn*, de 2009, do escritor irlandês contemporâneo Colm Tóibín, acompanhamos a vida da jovem irlandesa Eilis Lacey na pequena cidade rural de Enniscorthy, a leste da Irlanda. O marco temporal e histórico dessa obra é a década de 1950, período de grandes movimentos migratórios sofridos pelo povo irlandês, oriundos de uma Irlanda relativamente periférica, em um contexto europeu do pós-Segunda Guerra Mundial. A história da Irlanda é marcada por privações e processos migratórios que alteraram substancialmente a história do

país. Da luta pela independência (1919-1921), passando pela neutralidade da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), restou um país isolado, atrasado economicamente, rural, religioso e conservador nos costumes. A vida e o tempo da Irlanda nos anos que se seguem após sua independência do Reino Unido, em 1916, são responsáveis por moldar os indivíduos de forma considerável.

Para Terrence Brown (2010), a configuração do país foi alterada substancialmente a partir de meados do século XIX, seja com a experiência da Grande Fome (*The Great Famine*) de 1845 a 1849, seja com a consolidação da religiosidade, quando os símbolos e a lealdade à igreja católica foram forjadas. No começo do século XX, quase metade dos irlandeses haviam deixado a Irlanda forçadamente, em decorrência de dificuldades econômicas e sociais. Além dos elementos ligados à religiosidade, ao processo de luta pela independência e à guinada conservadora do início do século XX, a própria emigração irlandesa configura um fator de constituição relevante para a história do país, à medida em que muda substancialmente a configuração espacial e social da Irlanda.

Brooklyn narra a história de Eilis Lacey, jovem de origem humilde, da pacata Enniscorthy, onde o próprio autor, Colm Tóibín nasceu. Em entrevista ao *The Washington Post*, o autor diz ter se inspirado em muitas fontes para compor a história da *Brooklyn*, incluindo uma antiga conversa que ele escutou, quando criança, entre sua mãe e uma amiga de sua mãe, que enviara uma de suas filhas ao Brooklyn, bairro da cidade de Nova Iorque, no final dos anos 1960, que também é o cenário do livro. Outra possível fonte de inspiração é a proximidade do autor com seu próprio pai, que era um historiador local e publicou uma série de trabalhos sobre Enniscorthy, no condado de Wexford, na Irlanda, cenário também presente no livro (McWilliams, 2013).

Tóibín é um conhecido escritor contemporâneo irlandês. Suas narrativas tratam de muitas questões ligadas à sociedade irlandesa contemporânea, principalmente no que diz respeito à influência da igreja católica no seio dessa sociedade, às influências familiares nas vidas das pessoas, além de retratar a posição da mulher irlandesa na sociedade. Tóibín não se furta de falar de amor, desejo, sexualidade e religiosidade em suas obras.

Em *Brooklyn*, Eilis vive com a mãe e a irmã mais velha; os irmãos de Eilis migraram para a Inglaterra, em busca de uma vida melhor. A protagonista tinha um emprego mal remunerado na loja da rígida e amargurada Miss Kelly, frequentava bailes com as amigas e mantinha relação de proximidade com a irmã mais velha, Rose, jovem solteira de 30 anos, idade considerada avançada para a

época. Eilis era uma jovem do seu tempo – recatada, contida, silenciada pela sociedade patriarcal típica dos anos 1950, influenciada pelos preceitos católicos, muito presentes na sociedade irlandesa. A vida de Eilis é narrada em camadas e um dos aspectos mais relevantes da obra de Tóibín é a forma “intimista” com que a história é descrita, de acordo com Marisol Morales-Ladrón (2011). Para a autora, a obra “leva o leitor a caminhos incertos e equivocados, tornando a narrativa um processo constante de descobrimento e revelação de matrizes e interpretações alternativas” (LADRÓN, 2011, p. 159)¹. A jornada de Eilis representa a trajetória de muitos outros emigrantes reais, na qual a obra de Tóibín possibilita questionar os estereótipos comuns frequentemente associados à diáspora irlandesa.

O momento da virada de sua vida chega inesperadamente quando Eilis, sua mãe e irmã recebem a visita do Padre Flood, da paróquia do Brooklyn de Nova Iorque. A visita fora arquitetada pela irmã Rose, com o auxílio da mãe, sem que Eilis soubesse. Figurava entre os planos da irmã mais velha ver Eilis em boa situação, tirá-la da pequena cidade, que não ofereceria muitas possibilidades de projeção social e econômica, para que a irmã tivesse a vida e as oportunidades que ela não teve. O casamento não parecia mais uma opção para Rose, uma vez que já era considerada velha para a época, mas, talvez, Eilis ainda pudesse construir uma família. Padre Flood insistia que Eilis fosse para Nova Iorque com o intuito de procurar emprego e melhorar de vida, e é o próprio padre, um irlandês radicado em Nova Iorque, que fica responsável pela adaptação de Eilis no novo país.

Padre Flood é ele próprio um irlandês que possui identidade dividida entre a Irlanda e a América, em decorrência dos muitos anos morando em Nova Iorque. Após a visita do Padre Flood, Eilis começa a despedir-se de tudo o que conhece, da sua vida naquela casa, dos bailes com as amigas, do emprego insatisfatório. A jornada da personagem rumo à América é emblemática, sofrida, representativa de uma geração marcada pela diáspora. Eilis parece levada pela vida, pelas circunstâncias e pelas convenções impostas às mulheres – seja por meio de um emprego que pouco a satisfazia, seja por frequentar aos bailes em busca de pretendentes, seja pela mudança inesperada ou, como será exposto adiante, pelo retorno à América e ao cumprimento de suas obrigações como esposa. No

1 “guía al lector por caminos inciertos y equivocados, tornando la narración en un proceso constante de descubrimiento y revelación de matices e interpretaciones alternativas” (Ladrón, 2011, p. 159).

presente artigo será discutido como as escolhas da personagem Eilis Lacey foram pautadas pelo senso de responsabilidade e obrigação da protagonista com o comportamento esperado para uma jovem mulher dos anos 1950. Sob o viés dos Estudos de Gênero, o presente artigo analisa como a vida da personagem está inserida em uma teia complexa de padrões comportamentais que pressionam Eilis a fazer as escolhas de sua vida, ao longo da narrativa.

Para Ladrón (2011) as mulheres retratadas na obra, em especial Eilis Lacey, não eram donas de suas vidas e estavam presas, em sua maioria, às expectativas familiares e sociais, e portanto, eram vítimas de um destino pautado em uma configuração familiar patriarcal, sobre a qual não se tinha qualquer controle.

Nas próximas seções será abordado o processo migratório irlandês, com ênfase em como esse movimento populacional afetava a vida de jovens mulheres na Irlanda do século XX, e ainda será discutida a forma como a vida de Eilis Lacey foi pouco afetada por suas próprias escolhas e mais acentuadamente afetada por convenções, padrões sociais e comportamentais esperados de uma jovem mulher de meados do século XX.

MULHER E MIGRAÇÃO NA IRLANDA DO SÉCULO XX

A migração forçada na Irlanda afetou as mulheres católicas irlandesas de forma muito particular, uma vez que, além dos desequilíbrios econômicos, sociais e políticos que impulsionam a migração, fatores como obrigação familiar ou falta de propostas de casamento figuravam entre os fatores para que muitas jovens mulheres deixassem o país. Ademais, era preciso regular a sexualidade da mulher irlandesa com o intuito de evitar a todo custo quaisquer comportamentos desviantes, como gravidez fora da estabilidade e da configuração cristã de um casamento (ROMERO, 2018).

O processo de migração das mulheres irlandesas contrastava com a ideia de mulher irlandesa que se queria salientar e que condizia com os preceitos religiosos da Irlanda daquele período. Além disso, o grande contingente de jovens mulheres que migravam para os EUA e Inglaterra contradizia a narrativa de avanço e superação da recém-independente nação. A Igreja e o próprio Estado irlandês manifestaram inúmeras vezes preocupação com a saída de jovens mulheres para outros países. O receio principal eram os perigos morais advindos

dessa emigração, os desvios de comportamento, a desestruturação da família nuclear e o desincentivo à construção de novas famílias na própria Irlanda (ROMERO, 2018).

É importante lembrar que a partida dessas jovens irlandesas significava uma espécie de perda nacional coletiva, ou ainda “uma ameaça para a ‘pureza’ das mulheres e o prejuízo potencial das suas identidades nacionais e religiosas” (GRAY, 2004, p. 2, tradução minha)². Mais que isso, Gray (2004) aponta que a partida dessas jovens significava uma espécie de humilhação nacional, que recaía, principalmente, sobre os homens irlandeses, pois significava dizer que esses homens falhavam no desempenho de suas masculinidades. Simbolicamente, essa masculinidade falha pode ser percebida no início de *Brooklyn* quando Eilis é ignorada por Jim Farrell, que a evita, deixando-a sem parceiro de dança a noite toda. Na lógica patriarcal, as mulheres são caçadas como um prêmio, e “são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores” (SAFFIOTI, 2015, p. 37); elas devem aguardar a aproximação dos homens, o que não acontece entre Jim Farrell e Eilis – pelo menos não enquanto ela ainda mora na Irlanda.

Entende-se como falha a masculinidade que não cumpre a sua função esperada em sociedade, uma vez que o gênero, como uma construção histórica e social, impõe aos indivíduos uma gramática sexual (SAFFIOTI, 2015) que prediz de que forma tais indivíduos deverão relacionar-se entre si. Eilis interpreta tal gesto como grosseria e esse episódio só será esclarecido à medida que a narrativa é desenvolvida, e descobrimos que na verdade Jim Farrell era vítima de sua própria timidez. O leitor é levado a pensar que se Eilis e Jim tivessem investido em um relacionamento desde o início ou ainda se Jim tivesse desempenhado seu papel social determinado por essa lógica patriarcal e chamado Eilis para dançar, ela não precisaria mudar-se da Irlanda. De qualquer forma, Eilis seria levada pelas circunstâncias e imposições sobre sua condição de mulher – ficaria na Irlanda e aceitaria sua vida de sempre ou sairia da Irlanda por decisão familiar.

A caracterização da vida social e familiar das jovens irlandesas migrantes em *Brooklyn* deve-se ao trabalho extensivo de Tóibín em construir detalhes da diáspora irlandesa, seja através dos novos costumes no país receptor, do sentimento de pertencimento e apoio da comunidade irlandesa fora da Irlanda,

2 “(...) a threat to women’s ‘purity’, and potentially undermining of their national and religious identities” (GRAY, p. 2).

dos comportamentos e atitudes condenáveis das jovens moças irlandesas no país receptor, entre outros elementos que compõem a construção da identidade nacional fora do país de origem, no caso a Irlanda (ROMERO, 2018). Além disso, Tóibín ajuda a retratar o conflito do retorno, o desajuste daqueles que retornam ou tentam retornar à Irlanda – tudo isso, em menor ou maior grau, ajuda na construção de uma certa identidade irlandesa, identidade esta ligada àqueles que se sentem pertencer à Irlanda, mesmo tendo deixado de viver no país.

Para McWilliams (2013), observa-se em *Brooklyn* um relativo interesse em dar visibilidade para essa identidade irlandesa, principalmente em contraposição a outras identidades estrangeiras em solo estadunidense e que fazem parte do mesmo espaço diaspórico de Nova Iorque, cidade formada por imigrantes desde a sua origem até os dias atuais. Destacar a identidade irlandesa, em um país cercado por tantos estrangeiros, como os Estados Unidos da América, pode ser entendido como uma forma de redenção dessas jovens que ousaram sair da Irlanda e que de certa forma são responsáveis por estabelecer uma imagem positiva atrelada aos bons costumes católicos, aos valores da família nuclear e tradicional, aos princípios que remetem a uma Irlanda rural, quase idílica.

Breda Gray (2004) fala que a literatura acadêmica sobre migração de mulheres irlandesas geralmente refere-se à Irlanda como o lugar de onde as mulheres partiam. Ao mesmo tempo que sair da Irlanda significava liberdade e emancipação das amarras religiosas que eram impostas para umas, fuga de uma vida doméstica apática na Irlanda rural para outras, poderia significar também uma prática de respeito e submissão familiar, uma vez que muitas dessas mulheres tinham uma vida de trabalhadoras de fábricas na América, e ajudavam no sustento de suas famílias na Irlanda (GRAY, 2004). O trabalho assalariado fabril era visto por muitas como uma oportunidade de independência econômica e familiar, pois apresentava-se como uma alternativa ao casamento desigual e submisso da Irlanda católica (GRAY, 2004).

Ao explorar a relação entre os emigrantes e o processo de deslocamento, a partida, os que ficam para trás, Gray (2004, p. 94, tradução minha) pontua que:

Visitas de retorno encenam um encontro emocional entre migrantes e aqueles que ficaram. Neste encontro, os migrantes encontram-se posicionados como do lado de fora da comunidade nacional (estabelecida em outro lugar), mas abrigam um

desejo de retorno, e aqueles que ficam são vistos como controladores dos (estreitos) termos de se pertencer à Irlanda³.

É nesse sentido que os dois mundos da personagem Eilis colidem entre eles: de um lado a Irlanda representando um antigo porto seguro, um local de acolhimento, uma possibilidade de relacionamento com Jim Farrell, um certo destaque social propiciado pelas novas experiências vividas na América e sua nova identidade de jovem migrante, relativamente bem-sucedida, por ter ousado sair da rural Enniscorthy; e do outro lado, a América e a possibilidade de tudo aquilo que ainda não foi vivido, um emprego novo, as amizades novas, mas principalmente, sua nova condição de mulher casada.

Para Eilis, retornar ao Brooklyn, em Nova Iorque, e ao casamento com Tony demonstra bem menos uma escolha de uma jovem mulher apaixonada e bem mais a atitude de alguém que estava presa a um papel social, a uma convenção que precisava ser seguida, e principalmente à conduta de uma migrante irlandesa que não se permitiria retornar a sua antiga condição pré-diaspórica. Assim, é possível observar, em toda a obra, tanto a relutância de Eilis em retornar à Irlanda e às suas obrigações familiares, principalmente após a morte da irmã mais velha, quanto a relutância em retornar à vida nos Estados Unidos e a suas novas obrigações maritais, após o casamento por impulso com o seu namorado ítalo-americano, Tony.

É de se questionar, inclusive, a motivação real que levou Eilis a retornar para Tony, uma vez que a protagonista demonstrava sentimentos confusos, como será apontado mais adiante.

CONVENÇÕES SOCIAIS E EXPECTATIVAS DE GÊNERO EM *BROOKLYN*

Com a morte inesperada da irmã, Eilis retorna à Irlanda, mas conflita emocionalmente com relação ao seu retorno a Nova Iorque. É possível dizer,

3 “Return visits stage an emotional encounter between migrants and those who stayed. In this encounter, migrants find themselves positioned as outside the national community (settled elsewhere) but harbouring a desire to return, and stayers are seen as policing the (narrow) terms of belonging in Ireland” (GRAY, 2004, p. 94).

inclusive, que Tony nunca fez parte realmente dos planos de matrimônio ou de futuro de Eilis, uma vez que ela sempre conseguiu deixar a sua família na Irlanda completamente alheia ao que acontecia com ela na América. Tony nunca fora mencionado nas cartas que ela enviava à família, “Eilis nunca o mencionou; apesar dela ter descrito Coney Island e o jogo de beisebol, ela apenas disse que tinha ido com amigos (TÓIBÍN, 2009, p. 175, tradução minha)⁴. Coney Island havia sido um momento especial entre Tony e Eilis, um passeio de verão entre o jovem casal, mas isso sequer é trazido à tona enquanto se comunicava com sua família.

É interessante pensar que Tony significava a experiência da América, a descoberta do novo, o primeiro relacionamento sério, a primeira relação sexual, que se deu, inclusive, antes do casamento, mas não necessariamente aquele a quem Eilis queria ter ao seu lado por toda a vida. Existe uma certa conformidade na forma como Eilis permite-se gostar daquele jovem rapaz.

Tony e a experiência americana em alguns momentos representam mais arrependimento e menos triunfo, como quando, ao final da história, ao deixar a Irlanda de volta para a América, ela imagina como seria sua vida. E ainda, ao deparar-se com a morte da irmã e o sofrimento imposto pelo luto, Eilis expressa arrependimento – “Eu desejaria nunca ter vindo para cá” (TÓIBÍN, 2009, p. 180, tradução minha)⁵ –, e uma identidade que conflita com tudo o que fora vivido na América e tudo o que fora perdido com sua partida.

Uma certa pressão social começa a se formar em torno de Eilis, a partir da morte da irmã. Ao receber uma carta de um de seus irmãos, fica claro que Eilis precisa retornar para fazer companhia para sua mãe, já que “ela nunca dormiu uma noite sozinha em casa e ela fica dizendo que não será capaz de fazê-lo” (TÓIBÍN, 2009, p. 188, tradução minha)⁶. É sobre ela, a única filha mulher, que recai a responsabilidade de cuidar da mãe, assim como era de Rose tal responsabilidade. Não podemos esquecer que Rose arquitetou um plano com o Padre Flood para que Eilis pudesse sair da Irlanda e tentar a sorte em outro lugar distante da pequena cidade de Enniscorthy, ou seja, Rose concedeu a Eilis a chance de ter uma outra vida, diferente dela, sacrificou-se por Eilis, para que a

4 “Eilis had never once mentioned him; even though she had described Coney Island and the baseball game, she had said only that she had gone with friends”.

5 “I wish I had never come over here”.

6 “She’s never slept a night on her own in the house and she keeps saying that she won’t be able to”.

irmã tivesse a oportunidade de uma vida que ela não teve. Agora que Rose morreu, Eilis não pode mais se dar ao luxo de fugir de sua responsabilidade, como a única filha mulher viva, e deixar de cuidar de sua mãe.

Sempre foi imposta às mulheres a responsabilidade do cuidado e da maternagem. No debate sobre a família e a estrutura familiar, duas dimensões devem ser levadas em conta: a dimensão do controle e a dimensão dos privilégios (BIROLI, 2018) A ideia de controle regula os afetos, a domesticidade feminina, as formas de amor, as sexualidades dos corpos femininos. A dimensão dos privilégios gera as desigualdades nessa estrutura familiar, pois ativam modelos e configurações específicas que predizem a forma como os indivíduos devem se organizar dentro dessa lógica, o que para Birolí (2018, p. 92) “implica não apenas reconhecimento social desigual, mas também acesso desigual a direitos e recursos materiais”.

Em Brooklyn, é facilmente reconhecível o privilégio do irmãos homens, que não possuem a responsabilidade do cuidado e do retorno. O controle recai sobre uma resignada Eilis, que firma um pacto tácito com os irmãos, em que somente ela será a responsável por retornar à Irlanda para cuidar da mãe. O fato de Eilis ter casado com Tony, sem que sua família soubesse, pode ser entendido como o único impedimento real para que Eilis não tivesse sido efetivamente responsabilizada pelos cuidados com sua mãe, pois agora seus cuidados e afetos pertencem ao marido, uma vez que o casamento, como nos diz Saffioti (2015), é uma espécie de contrato social, uma liberdade consentida às mulheres, pois o controle de suas vidas passa à figura do marido.

Casar-se com Tony estava implícito, uma vez que manter relações sexuais com um homem antes do casamento geraria uma série de responsabilidades para uma jovem mulher. Não se pode, no período em questão, simplesmente escolher relacionar-se sexualmente com esse homem e não pagar o preço dessa escolha. Eilis escolhera se relacionar sexualmente com ele, mesmo contradizendo o contrato sexual imposto a uma jovem mulher da época; mas foi somente a obrigação social contida na normativa sexual e no comportamental daquela época que fez com que ela aceitasse, primeiramente casar-se com ele e depois ceder às pressões de retornar para a América, após o enterro da irmã, para ficar com ele, já que “o casamento foi tacitamente acordado entre eles” (TÓIBÍN, 2009, p. 175, tradução minha)⁷.

7 “Marriage had been already tacitly agreed between them”.

Em nenhum momento é possível ter certeza dos sentimentos de Eilis por Tony, mesmo quando ela confessa amá-lo ao padre Flood, ela contradiz a si mesma, dizendo não ter certeza se quer se casar com ele, o que pode parecer estranho, sendo o casamento a consequência natural daqueles que se amam, mas principalmente, daqueles que mantêm relações sexuais fora do casamento nos anos de 1950. Padre Flood encarna a figura da Igreja Católica e representa a conexão de Eilis com a Irlanda, com o catolicismo irlandês, mas principalmente com os valores tão caros à sociedade da época, e que não podem ser deixados de lado por uma jovem mulher não casada e que começa a despertar interesse sexuais por seu namorado.

Padre Flood é um lembrete constante de que o “que aconteceu entre ela e Tony não é difícil de entender, apesar do fato de ser errado e talvez um sinal de Deus de que eles deveriam considerar casarem-se e formar uma família” (TÓIBÍN, 2009, p. 200, tradução minha)⁸, mesmo que Eilis não houvesse engravidado – e o padre Flood soubesse disso – a responsabilidade de casar-se com Tony estava sempre presente, afinal de contas, sempre que o padre encontrava Eilis deixava claro o peso que seria para a mãe de Eilis, além de ter perdido a irmã Rose, saber que Eilis “levaria um homem para casa para passar a noite em seu quarto” (TÓIBÍN, 2009, p. 201, tradução minha)⁹.

O casamento em decorrência de uma gravidez é compreensível sob as lentes dos anos 1950; Eilis, entretanto, não engravidou, logo a necessidade do casamento não existia aos moldes de hoje. O único fator que explica o casamento de Eilis e Tony é o sentimento de obrigação às convenções da época e o controle sobre a sexualidade e o corpo de Eilis.

Como aponta Biroli (2018, p. 91), “a família toma forma em instituições, normas, valores e práticas cotidianas. Sua realidade não é da ordem do espontâneo, mas, sim, dos processos sociais, da interação entre o institucional, o simbólico e o material”, ou seja, a formação familiar pertence à dimensão do controle, da regulação comportamental dos corpos e de suas sexualidades. Esse estigma que recai sobre a vida das mulheres não é algo recente; certamente não começa nos anos 1950, e não se encerra nos dias de hoje.

Ao analisar a derrocada do feudalismo e a transição para o sistema do

8 “What had happened between her and Tony was not hard to understand, despite the fact that it was wrong, and was maybe a sign from God that they should consider getting married and raising a family”.

9 “Would take a man home to her room for the night”.

capitalismo entre os séculos XV e XVII, Federici (2017) aponta que as mulheres que viviam sua sexualidade livremente ou que ousavam romper com a padrão institucionalizado do que era correto, de acordo com a Igreja e com o Estado burguês, eram julgadas e punidas por isso, assim:

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. (FEDERICI, 2017, p. 334)

Ao chegar na Irlanda, após a morte de Rose, Eilis precisa decidir se retomará a sua antiga vida em Enninscorthy ou se voltará para Nova Iorque e tudo o que voltar para a América implicaria em sua vida – seu emprego, o terreno em Coney Island onde começaria uma vida doméstica com Tony, sua rotina, seus estudos de Contabilidade, um emprego na área. A mãe de Eilis parece ignorar a vida de Eilis na América, pois faz de tudo para que a filha fique na Irlanda, até mesmo incentivando-a relacionar-se com Jim Farrell, a ficar no antigo emprego de Rose, principalmente agora que Eilis parece ser o centro das atenções na pequena cidade, porque “as pessoas comentam as belas roupas de Eilis, seu estilo de cabelo sofisticado” (TÓIBÍN, 2009, p. 220, tradução minha)¹⁰ ou ainda devido “a sua nova aparência americana” (TÓIBÍN, 2009, p. 221, tradução minha)¹¹. Alheia ao casamento entre Eilis e Tony, a mãe de Eilis tenta mais uma vez decidir os rumos da vida da filha.

Os dois mundos de Eilis começam a colidir a partir do momento em que ela chega à Irlanda, como se “ela fosse duas pessoas, uma que lutou contra dois invernos frios e muitos dias difíceis no Brooklyn e se apaixonou lá e a outra que a filha da sua mãe, a Eilis que todos conheciam ou pensavam que conheciam” (TÓIBÍN, 2009, p. 221, tradução minha)¹². Isso demonstra que Eilis conflitava com as responsabilidades que eram atribuídas a ela, com suas duas vidas e com o rumo que deveria tomar a partir daquele momento, embora ela soubesse que a

10 “people commented in Eilis's beautiful clothes, her sophisticated hairstyle”.

11 “her new American figure”.

12 “she were two people, one who had battled against two cold winters and many hard days in Brooklyn and fallen in love there, and the other who was her mother's daughter, the Eilis whom everyone knew, or thought they knew”.

vida em Nova Iorque tivesse mudado completamente a sua forma de pensar e agir no mundo, “agora que ela estava de volta da América, ela acreditava que carregava alguma coisa com ela, alguma coisa próxima do glamour, o que fez toda a diferença para ela” (TÓIBÍN, 2009, p. 221, tradução minha)¹³.

Mas nem mesmo o glamour livraria Eilis de suas responsabilidades; quando sua mãe descobre que Eilis havia contraído matrimônio com Tony em Nova Iorque, é a primeira a lembrar Eilis de sua responsabilidade como esposa, “se você está casada, você deveria estar com seu marido” (TÓIBÍN, 2009, p. 258, tradução minha)¹⁴. É o direito do marido que está sendo garantido aqui, posto acima, inclusive, das necessidades e dos desejos da mãe de Eilis, que tanto queria ver sua filha morando novamente em Enniscorthy, pois “o agente social marido se constitui antes da figura do pai” (SAFFIOTI, 2015, p. 59), uma vez que a lógica do patriarcado constitui um contrato de tipo hierárquico que se materializa enquanto estrutura de poder, tanto violenta quanto ideológica.

Novamente, o peso das escolhas e das não-escolhas de Eilis pesando sobre ela. Embora ela volte para o Brooklyn, as escolhas não foram óbvias ou fáceis para Eilis, a personagem foi a maior parte do tempo impulsionada por um sentimento de obrigação e pelas escolhas alheias. Como explica Romero (2018, p. 137, tradução minha)¹⁵, “Tóibín é cuidadoso ao mostrar em sua ficção que seus protagonistas estão sempre ligados ao seu tempo, lugar e história pessoal. Os personagens de Tóibín geralmente têm uma rica vida interna, mas fatores públicos os influenciam irremediavelmente, afetando suas decisões e autoimagem”.

É dessa forma que Eilis é persuadida por Tony a casar-se secretamente com ele, como forma de controle e garantia de que ela voltaria para Nova Iorque; é dessa maneira que mãe, irmã e padre Flood arquitetam a ida de Eilis a Nova Iorque; é assim também que a mãe de Eilis sugere que ela fique trabalhando no mesmo lugar em que Rose trabalhava, como de fato acontece por alguns dias; é assim até que Rose decide contar para sua mãe que está casada e mais imposições surgem.

A sexualidade de Eilis é mantida sob rígida vigilância, seja pelo padre

13 “now that she was back from America, she believed, she carried something with her, something close to glamour, which made all the difference to her”.

14 “if you are married, you should be with your husband”.

15 “Tóibín is careful to show in his fiction, his protagonists are always tied to their time, place and personal history. Tóibín’s characters often have a rich inner life, but public factors influence them irremediably, affecting their decisions and self-image”.

Flood, que sugere que Eilis deveria casar-se com Tony, seja pela senhora Kehoe, dona da pensão em que Eilis morava em Nova Iorque ou pela antiga empregadora de Eilis na Irlanda, senhora Kelly, que descobre que Eilis havia casado antes de sair de Nova Iorque, através de amigos em comum, levando Eilis finalmente a contar a verdade para sua mãe, e o que conseqüentemente impulsiona o seu retorno à América.

O controle em torno da sexualidade de Eilis pode estar relacionado ao “marianismo” – comparação da mulher irlandesa com a Virgem Maria; mecanismo promovido pela própria igreja católica para impor à mulher irlandesa um padrão de comportamento casto e virtuoso, atrelado à imagem da própria mãe de Jesus (MEANEY, 2010, citado em EUFRAUSINO, 2017, p. 18). Outro motivo plausível para que haja uma rede de controle em torno da sexualidade de Eilis pode também ser explicado a partir de uma moralidade que fora estabelecida muito antes da década de 1950.

O período conhecido por “caça às bruxas”, ocorrido durante a Idade Média, segundo Federici (2017), associou a sexualidade feminina a algo impuro, bestial e que deveria ser combatido, principalmente se não tivesse um fim que se aliasse aos objetivos do Estado ou da Igreja. Para a autora, “os julgamentos por bruxaria fornecem uma lista informativa das formas de sexualidade que estavam proibidas, uma vez que eram 'não produtivas': a homossexualidade, o sexo entre jovens e velhos, o sexo entre pessoas de classes diferentes” (FEDERICI, 2017, p. 351).

Dessa forma, não parece de todo irreal dizer que Eilis tenha sua vida toda orquestrada por forças além dela mesma, ligadas à construção espaço-temporal, em que a narrativa se passa, pois no final das contas, tudo se resumia à moralidade, ao controle de sua sexualidade e às aparências perante a família e a comunidade local, ou, como aponta Romero (2018, p. 139, tradução minha)¹⁶, “à medida que o tempo passa, torna-se cada vez mais difícil para a protagonista mencionar seu casamento americano, como se isso fosse trazer chateação, incompreensão e julgamento moral”, o que só comprova a dificuldade que a personagem tem de separar esses dois mundos em conflito, de escolher um deles ou de não escolher nenhum.

A narrativa não deixa claro quem Eilis realmente amava, demonstrando a passividade e a inabilidade da personagem em decidir por si mesma. Nem mesmo

¹⁶ “as time passes, it becomes increasingly difficult for the protagonist to mention her American marriage, as this would only bring disappointment, incomprehension and moral judgment”.

a decisão de voltar para a Irlanda e confrontar sua antiga vida familiar foi tomada por livre vontade; Eilis fora levada pelas circunstâncias da morte de sua irmã; o retorno para Nova Iorque contou com a forte pressão da mãe, a obrigação como mulher casada e a vergonha de encarar Jim Farrell, principalmente agora que ela não era mais solteira e não poderia mais ser vista com ele ou frequentar os mesmos círculos que ele como se solteira fosse; pelo menos não sem ser condenada por sua cidadezinha natal.

As implicações morais e sociais foram postas em primeiro lugar, o que só corrobora com a perspectiva de que Eilis foi levada pelas circunstâncias e agia conforme as imposições de gênero a uma jovem mulher do seu tempo. Nesse sentido, Saffioti esclarece que “a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradução cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. (...) a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência” (SAFFIOTI, 2015, p. 75).

A desigualdade de gênero imposta a Eilis reside em todas as atitudes que a protagonista precisou ponderar antes de agir, como por exemplo, quando ela pensa em divorciar-se de Tony, mas a ideia parece ridícula demais só de ser considerada e ela acaba desistindo. Ou ainda quando ela decide voltar para Nova Iorque sem contar a Jim Farrell o motivo para estar indo tão inesperadamente, deixando apenas uma carta, pois a personagem sabia da reverberação que essa proximidade com Jim Farrell causaria. Além disso, a senhora Kelly havia descoberto que Eilis casara em Nova Iorque e não demoraria muito para que o segredo de Eilis fosse revelado para a cidade toda, o que comprometeria sua moral e a nova forma como as pessoas a enxergavam após ter se mudado para a América – ela não mais seria considerada sofisticada e moderna, mas promíscua e indigna.

CONCLUSÃO

Brooklyn, do autor irlandês, Colm Tóibín, narra a história da jovem personagem Eilis, oriunda da Irlanda rural e sua partida para Nova Iorque nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. A vida de Eilis é modificada com a experiência da diáspora e sua vida passa a ser pautada tanto com base nessas experiências, mas sobretudo devido aos padrões impostos a jovens mulheres daquele período.

A história é repleta de exemplos cotidianos que demonstram como a vida das mulheres da década de 1950 eram moldadas pelas imposições e pelas convenções pré-estabelecidas para a vida em sociedade. A personagem principal, Eilis, vive uma vida pautada pelas escolhas que não foram feitas por ela, e ela nem sequer demonstra coragem de quebrar esse ciclo. Ao receber da irmã a oportunidade de mudar-se para a América e escrever uma história de vida diferente, Eilis avançou onde foi possível avançar – fez faculdade, arranjou emprego, perdeu a virgindade antes do casamento, ousou casar sem o consentimento ou a anuência da família, etc. Entretanto, apesar dos avanços, precisou assumir o papel social que cabia a ela, jovem mulher casada da década de 1950.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BROWN, Terence. *The Literature of Ireland: Culture and Criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

EUFRASINO, Caroline. *The Spiraling Aesthetics in Anne Enright's Works*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

GRAY, Breda. *Women and the Irish Diaspora*. London and New York: Routledge, 2004.

LADRÓN, Marisol. Brooklyn. *Barcelona: Estudios Irlandeses* n.7, 2012, p. 158-160.

McWilliams, Ellen. *Women and Exile in Contemporary Irish Fiction*. Palgrave Macmillan, 2013.

ROMERO, José. *The Irish Female Migrant, Silence and Family Duty in Colm Tóibín's Brooklyn*. *Études irlandaises*, 2018.

SAFFIOTI, H. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Expressão Popular:

MARTINS, Martha Julia. *Migração feminina irlandesa e convenções de gênero em Brooklyn*, de Colm Tóibín. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 67-83.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.

Fundação Perseu Abramo, 2015.

TÓIBÍN, Colm. Brooklyn. New York City: Scribner, 2009.

MARTHA JULIA MARTINS é mestre e doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Atualmente, é professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR), atuando como professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa Língua e Cultura Regional. Dentre suas publicações, estão o artigo “Falemos de gênero pelo bem de nossas meninas” (Revista X, 2020) e o capítulo de livro “Mulheres migrantes em região de fronteira: narrativas, opressão e sobrevivência” (*Diálogos Fronteiriços: linguagens em perspectivas*, 2019).